

## Resenha:

### O inacabamento como forma e conteúdo

O livro *O Sopro do Amor*, da professora Irley Franco, surpreende por uma série de motivos. O primeiro deles diz respeito à sua própria proposta: fazer um comentário, linha a linha, do primeiro discurso do *Banquete*, o de Fedro, com o intuito de “auxiliar o estudante de filosofia a ler, compreender e interpretar o texto antigo.”<sup>1</sup> O que na aparência surge como bastante óbvio, pois nada mais lógico do que começar a análise de um texto pelo início, ou seja, pelo primeiro discurso, mostra-se, num segundo momento, nada óbvio (ainda que absolutamente lógico), uma vez que a autora menciona, logo na sua apresentação, o quase absoluto silêncio dos comentadores no que tange ao discurso, silêncio este apenas quebrado para acusá-lo não só de superficialidade e pedantismo, devido ao excesso de citações, mas também de pouca relevância para a formação da teoria platônica do amor. Contrária à tradição, a professora defende a instigante hipótese de que os discursos não-filosóficos, presentes no referido diálogo, formam, tanto em termos de conteúdo quanto de forma, oposições verdadeiramente consistentes e ameaçadoras ao discurso socrático sobre o amor. Deste modo, a autora considera que o discurso de Sócrates, se isolado, não expressa a posição de Platão sobre o amor. A pergunta que se faz e que não é respondida ao longo de todo livro é: que teoria platônica sobre o amor é esta? E mais: o que significa exatamente a sua forma? Pois, se ela admite posições contrárias em seu interior, então o que é exatamente a forma filosófica do diálogo platônico? Mas a autora esclarece: “Algumas teses acerca do *Banquete*, as quais não chego a expor aqui senão em esboço, nasceram graças a este exercício que me ocupou durante pelo menos os últimos três anos de minha vida. Essas pretendo certamente tornar públicas no momento

---

\* Doutorando do Depto. de Filosofia da PUC-Rio.

1 *Sopro do Amor*, p. VII.

oportuno<sup>2</sup>.”Portanto, logo na apresentação, ficamos sabendo que a hipótese, ao meu ver, mais interessante e forte do livro ficará sem fundamento ou desenvolvimento: a de que todos os discursos não-filosóficos do *Banquete* expressam a teoria platônica do amor.

A impressão que nasce, ao término da leitura, é a de inacabamento, tendo em vista que todo livro parece ser a gestação de outra obra. Contudo, surpreendentemente, esta característica do livro surge como algo bastante proveitoso, pois é como se a autora gentilmente abrisse o seu ateliê filosófico e nos mostrasse as possibilidades e impasses com que ela trabalha para a feitura de outra obra, algo como um autor que abre as suas gavetas e nos mostra os fragmentos ou os estudos de uma obra que está sendo realizada. Poderia citar outros exemplos que causam esta sensação de inacabamento, como a interessante discussão da tradição sobre a concepção do amor enquanto falta, ou mesmo a própria forma do livro, praticamente cindido em duas partes, corpo do texto e notas, onde, num estranho diálogo, às vezes, também surpreendentemente, os papéis parecem se inverter, ou seja, o corpo do texto se torna mera nota das notas, enquanto as notas, o corpo do texto que merece esclarecimentos ou menções. Deste modo, termino esta resenha na esperança de que a autora realize a obra prometida, porque a atual engendrou a necessidade de conhecer sua posição completa sobre o que seria a teoria platônica do amor, ainda que esta mesma necessidade não satisfeita nos imponha a tarefa de pensarmos a questão por nós mesmos e é justamente por este motivo que a *professora* Irley Franco realiza o seu objetivo: auxiliar o estudante de filosofia.

---

2 Idem, p. IX.

## Nota aos Colaboradores

1. Somente artigos inéditos poderão ser aceitos para publicação. As colaborações devem ser dirigidas às editoras da revista: Irley F. Franco ou Kátia Muricy e enviadas para o seguinte endereço:

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Departamento de Filosofia  
Rua Marquês de São Vicente 225, 1149L.  
Gávea - 22453-900, Rio de Janeiro, RJ.

2. Artigos em espanhol, francês, italiano e inglês serão aceitos.

3. Todos os artigos serão submetidos a pelo menos dois especialistas de sua área. Os pareceres poderão eventualmente ser consultados. Os nomes dos pareceristas não serão de forma alguma revelados aos autores dos artigos aceitos ou recusados. Os artigos recusados não serão devolvidos ao autor.

4. Uma vez aceitos para publicação, não será permitido aos autores acrescentar, diminuir, emendar, ou fazer qualquer tipo de alteração no texto, exceto no caso de haver sugestões por parte dos pareceristas.

5. A aceitação de um artigo não implica necessariamente em sua publicação no número seguinte ou em algum número determinado da revista. Sendo estritamente acadêmica, a revista [*O que nos faz Pensar*] não tem como critério de publicação a ordem cronológica em que recebe ou aprova os textos de seus colaboradores.

6. Os artigos devem ser mandados em CDROM, em qualquer versão do *Winword*, com três cópias impressas em espaço duplo, sem uso do verso do pa-

pel e, em princípio, devem constar de, no máximo 20 laudas (com 30 linhas e setenta batidas por linha). A editoria se reserva o direito de, excepcionalmente, aceitar trabalhos que excedam esse limite. Não deve constar no artigo nenhuma identificação do autor. Este deve acrescentar uma página com informações a seu respeito (nome, nome da instituição de origem, departamento a que pertence, endereço, telefone e e-mail) e uma solicitação de avaliação para publicação. Artigos submetidos simultaneamente a outras revistas não serão aceitos.

7. Artigos enviados por e-mail só serão aceitos em casos excepcionais.

8. Os textos encaminhados devem ser acompanhados de 5 palavras-chave e um *abstract* de até 15 linhas em inglês e em português.

9. Os autores devem procurar respeitar as normas de formatação de *O que nos faz pensar*, sobretudo no que diz respeito ao uso do negrito, que deve ser substituído por itálico, ao uso da CAIXA ALTA em nomes de autores, que em nossa formatação não é usada, e para indicar o travessão, o uso de um duplo traçado (—), caso não seja possível digitar o próprio travessão (—).

10. A revista *O que nos faz Pensar* está licenciada em Creative Commons, sob a licença Creative Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada à Criação de Obras Derivadas 2.5, Brasil. Uma vez aceitos e publicados, os artigos passam a estar sob a mesma licença. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA.